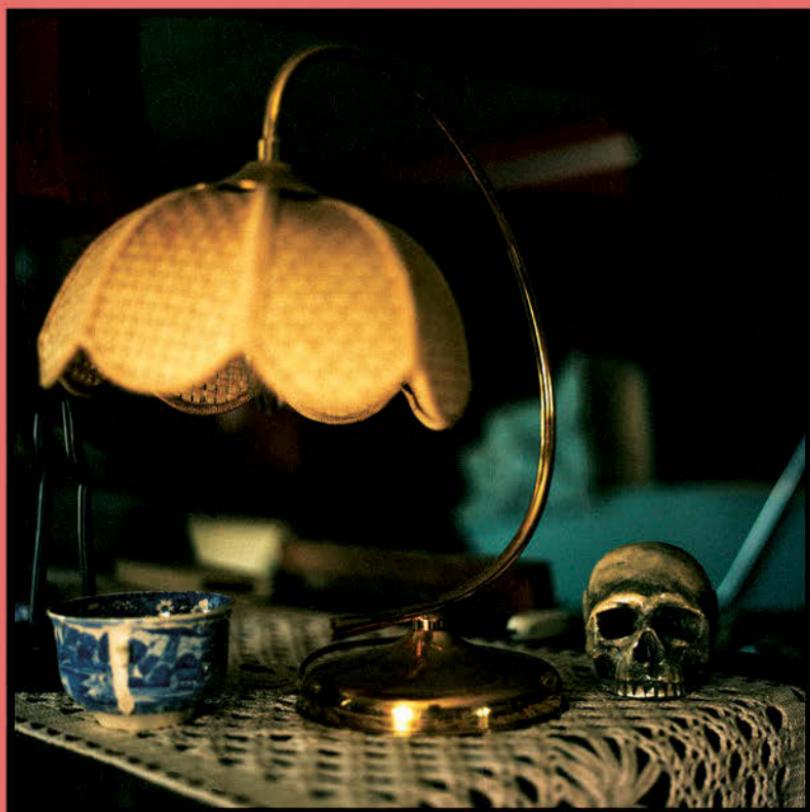


# VERA IACONELLI

---

## Análise Notas do divã



Gosto de escrever ao som do martelete, mas agora é hora de almoço e não há barulho vindo da casa ao lado, apenas a batida do teclado do computador. Vai demorar para chegar o dia em que os sons da casa ao lado incluam os do meu teclado numa tarde ensolarada como hoje, o dia em que poderei habitá-la. Com sorte, mais alguns meses, talvez um ano.

Comecei minha primeira análise porque meu irmão havia morrido quatro anos antes, meu pai era alcoólatra, minha mãe era submissa a ele e havíamos sido despejados. Não. Comecei porque precisava conversar com algum adulto que fosse confiável, nem que precisasse pagar para isso. Não. Comecei porque esse irmão estudou psicologia e morreu no ano em que se formaria, e fazer terapia era uma forma de me aproximar dele. Não. Porque eu tinha uma profunda identificação com essa mãe, de quem sempre tive

---

pena sem entender sua participação ativa no drama de sua vida, e de quem temia me separar para bancar meu desejo. Não. Porque foi indicação da ex-namorada do meu irmão, a quem o luto transformou em melhor amiga. Comecei porque era nos Jardins, eu morava no centro da cidade e dava para ir a pé. Comecei minha análise porque eram treze horas do dia 20 de novembro de 1982 e eu havia marcado uma entrevista com uma analista.

Acabou a trégua, o martelete da casa ao lado volta a atacar.

Entro no elevador, que tem duas portas, uma de frente para a outra. Enquanto ele sobe, fico alerta, tentando adivinhar qual será a minha saída. Eu precisava de um elevador normal, com espelho, para conferir a cara nessa madrugada. Por que alguns hospitais insistem nessa decoração de hotel? Qual seria a inspiração? Férias eternas?

Duas batidinhas na porta, um empurrão em câmera lenta, esticando o pescoço para dentro. Se não fosse permitido entrar, a porta estaria trancada ou a lâmpada vermelha acesa, mas, ainda assim, a sensação é de estar sendo inconveniente. Tudo em hospital é inconveniente.

Envelhecer é inconveniente. Morrer, nem sempre.

Já no quarto, o olho encontra o nome no mesmo instante. Ao pé da cama, na lousa branca mal preenchida, está lá meu nome, sem tirar nem pôr. Paciente Vera, protocolo para alto risco de queda. A qualquer momento, meu nome corre o altíssimo risco de queda. Um nome caindo de forma irremediável.

---

Você parece bem, apesar de tudo que me relataram, dos fatos que te levaram a ser internada com urgência. Foi perdendo o controle da mão, a boca entortou, o olhar de pavor, corre-corre no meio do bingo. Será que continuaram a partida depois que você foi retirada numa cadeira de rodas?

Noventa e cinco anos! Nem parece.

«Gostaria de pedir um minuto de silêncio para aquela senhora que acabou de ser levada pela ambulância e cujo nome e paradeiro desconhecemos. Bingo!»

«Um minuto de silêncio não, ela saiu viva!» — alguém grita, acusando o lapso.

Minha cabeça vai longe. Que é onde eu preferiria estar.

Chegou a Vera, filha da dona Vera. Essa piada não falha. Nome e sobrenome idênticos, homônimas. Ou pior, chegou a Verinha, mulher-feita, mas com o nome no diminutivo, como se fosse socialite. Nome de socialite não foi feito para ocupações reais; foi feito para convite de festa e coluna social. Não é o meu caso. Diminutivo também serve para aquelas senhoras que, apesar de já terem tido dez filhos, nunca alcançaram o status de adultas: são Titis, Fifis, sei lá.

Sua pele, mãe, está desistindo de recobrir o recheio. Muito branca, transparente, com as veias invadindo a superfície cada vez mais. Como chama aquele rolinho vietnamita feito com folha de arroz? Rolinho de folha de arroz? Deve ser isso. Perdi metade da explicação da enfermeira, tomada pela urgência de pensar nos bolinhos.

Os exames sairão em breve, tudo leva a crer que foi um micro-AVC, mas os movimentos do lado esquerdo já estão

retornando. Você é forte, mãe, e quer muito viver. Nunca sei qual das duas coisas é preponderante, mas impressiona. Totalmente lúcida e razoavelmente saudável, querendo muito viver ou temendo muito morrer, sei lá.

Teve um tempo em que eu pensava muito na minha morte, era uma espécie de alucinação controlada, vislumbrando o próprio limite da possibilidade de vislumbrar. Imaginando o precipício enquanto o corpo permanecia imóvel sobre a cama, em perfeita segurança. Gastei horas nisso, como quem desce a montanha-russa de novo e de novo, ciente de que se trata de um perigo sob total controle. Zero proximidade com a morte, só uma sensação ruim e desgastante. Um exercício do nada.

— Fico, fico com ela, sim, pode ir para casa.

Fico aqui com ela todo o tempo que você precisar, mas, pelo amor de Deus, volta logo, porque detesto ter que ficar aqui presa, sem poder correr para a minha vida. Minha irmã mal arreda o pé dali, vai só buscar coisas no apartamento onde ela e minha mãe moram e voltar correndo. Como se duas Veras não pudessem ocupar o mesmo lugar no espaço, uma atada à cama e outra escapando por um fio, pela fiação, pela ficção. Houve um tempo em que eu quis muito ter momentos a sós com você, nos quais pudesse perguntar sobre coisas que você tinha me contado décadas atrás. Não anseio mais por eles.

A enfermeira entra, vem medir alguma coisa, se apresenta, respondo meu nome e vejo o interesse na coincidência. Sim, somos homônimas. Eu sou a filha que vem pouco e fica pouco. Sou a Verinha.

Muitos são os caminhos que nos levam a procurar a ajuda de um psicanalista, e todos passam por um certo caldo de cultura que entende que a psicanálise seria uma resposta para o sofrimento. Calhou de eu sentir uma tristeza enorme aos dezessete anos, e de conhecer uma psicóloga que conhecia uma psicanalista. Daí para cair de costas num divã foram dois palitos. Já o percurso que me levou a precisar de ajuda é bem mais custoso de descrever. Resisto o quanto posso. Essa história tem infinitas versões possíveis, e qualquer coisa que eu disser a partir daqui será mais uma delas, ou seja, construções e improvisos sobre um vazio original. Nasci a quinta filha em uma prole de seis — ou deveria dizer oito, uma vez que meu pai teve dois filhos fora do casamento, cuja existência só descobri na adolescência?

A lembrança dos seis filhos é uma das mais preciosas memórias da minha vida, congelada numa cena em que estamos todos de banho tomado e de pijama, amontoados

no sofá da sala, brincando de fazer sombras à luz de velas. Lembrança encobridora, como diria Freud. Uma cena que recobre outra, mais difícil de encarar, servindo de índice e de despiste. A falta de luz não é um indicativo de pobreza; no caso, a pobreza havia sido uma realidade da infância dos meus pais, não da minha. Mas ela revela como nos virávamos diante do imprevisto e da falta: nos amontoando, rindo, ignorando. Tudo é perfeito nessa lembrança, tudo é contagioso e melancólico. As interpretações que fiz dela equivalem a décadas de choro e ranger de dentes sobre o divã. Escrevendo estas linhas, me pego arriscando mais uma interpretação, inédita. Das seis pessoas que compõem a foto do sofá, duas faleceram precocemente, os dois irmãos mais velhos, o primeiro aos 24 e o segundo aos 45 anos. A primeira morte rompeu o arranjo instável de uma família disfuncional.

Essa é a praga do sentido, infindável em seu gozo de produzir mais e mais versões para aquilo que somos incapazes de inscrever. Lacan usará a sonoridade da palavra *jouissance*, gozo, para falar em *jouis-sense*, gozar do sentido. Espertinho esse Lacan. Tive que esperar pela análise lacaniana para dar um corte nessa expectativa de que haveria a derradeira versão. Antes disso, foram anos dando cabeçada em busca de uma palavra final.

Freud diz que o trauma é precedido pela calmaria para a qual sonhamos voltar, na expectativa impossível de recolocar a pasta de dentes no tubo espremido. Buscamos refúgio nas cenas que antecedem o acontecimento trágico, recriando um momento idílico antes do mal súbito.

É como se, no meio de uma guerra, sonhássemos com o tempo anterior ao fatídico bombardeio no qual perdemos um ente querido, sob a condição de esquecermos convenientemente que já estávamos em guerra.

Mas há outras formas de lidar com a intensidade traumática. Uma paciente pode contar uma cena de abuso da qual só se lembra das cores do lustre que tinha ao alcance dos olhos. É como se, para suportar o insuportável, só lhe restasse reduzir-se a um olho que vê um lustre, deixando o corpo ausente de si enquanto o algoz desfruta dele. Os relatos de tortura dizem muito dos subterfúgios que usamos para preservar a alma frente ao horror.

As demandas por uma análise encerram um paradoxo central da paixão pela ignorância apontada por Lacan. Levamos nosso sintoma para o analista como um apêndice que não reconhecemos, pedindo com ardilosa ingenuidade para que ele o estirpe, nos conforte e nos livre de todo mal. Passadas quatro décadas, lembro que era assim que eu me imaginava chegando nesse espaço que prometia me curar. Eu contaria uma história de sofrimento, revelaria minha sensibilidade e amadurecimento precoce e seria acolhida por alguém que: 1) me daria razão; 2) me perdoaria; 3) me amaria; 4) me curaria; e então, ao fim e ao cabo do processo, eu me tornaria uma pessoa melhor, mais completa e realizada.

Não estava descartada a possibilidade de conquistar o mundo, como efeito colateral.

Uma versão: um pai alcoólatra apaixonado pela secretária mais jovem com quem teve dois filhos enquanto vivia com a esposa, a quem também amava, e seus outros seis filhos. Um pai melancólico e violento, capaz de impingir as maiores humilhações aos próprios filhos, pois, sentindo-se ele mesmo humilhado pela vida, não conseguia imaginar um lugar mais adequado para sua descendência. Uma mãe que não podia saber, contra todas as evidências, da vida dupla do marido, para sobreviver moral e economicamente.

Os anos de trabalho na clínica me fizeram testemunhar arranjos diferentes diante da humilhação que os pais carregam e que se transmite à prole. Há os que buscam desesperadamente que os filhos realizem aquilo do qual imaginam terem sido privados. Os filhos se tornam projetos de futuro superinvestidos para que a desforra se dê ao final. Se o pacto der certo e os rebentos os alçarem à condição de pais de alguém socialmente reconhecido, ainda teremos algumas questões a serem administradas. Até que

ponto e a que custo os filhos se dispõem a tamanha submissão ao desejo dos pais? Os pais se darão por satisfeitos ao viverem um reconhecimento por procuração? Ser pai e mãe de um filho bem-sucedido, por vezes até famoso, pode aumentar ainda mais a inveja de quem já se sentia historicamente humilhado. Nesses casos, o tiro sai pela culatra e os pais passam a tentar explorar e competir com a prole. Não é fácil aguentar a inveja de ver filhos que prosperam quando não nos foi permitido prosperar também.

Também pode acontecer de os pais ficarem tão identificados com o risco de os filhos sofrerem humilhação que passam a superprotegê-los e vitimá-los, não suportando a ideia devê-los rebaixados. Privam os filhos de experiências nas quais imaginam que eles poderiam fracassar, ou seja, de quase tudo na vida. O uso que se pode fazer dos filhos na esperança de aplacar angústias infantis depende da posição inconsciente que a prole, e cada filho em particular, ocupa nas fantasias dos pais e cuidadores principais. Todos os casos que podem derivar dessa demanda por vingar a experiência de humilhação dos pais — e muitos são os cenários possíveis — partem da mesma lógica: a impossibilidade de ver em nós algo além de vencedores e perdedores. E, como para martelo tudo é prego, fica difícil para esses pais reconhecer que somos 8 bilhões de pessoas incomparáveis sobre a Terra. Eles seguem se medindo com todo mundo na esperança de um dia estarem no topo, sob o preço de não aguentarem perder, e portanto incapazes de ganhar sem ficarem paranoicos pelo medo de perder o que conquistaram. Estão aí os donos

do mundo a servir de exemplo: sem limites na busca por um poder que nunca os satisfaz e paranoicos com o risco de serem deixados para trás, pois é isso que eles costumam fazer com os outros.

Mas não estou sendo inteiramente justa aqui. Todos nós nos medimos com o semelhante. Não conseguimos prescindir dessa baliza, que, por sinal, é condição para a fundação do Eu. O processo psíquico que permite que nos reconheçamos como alguém e digamos «Eu sou» só se dá na relação com um outro, que nos serve de modelo e rival. A rivalidade vem junto com a necessidade de não se confundir com o outro, de se separar. Isso acontece porque, nos primórdios, precisamos ceder à linguagem, que nos precede; nos alienarmos às palavras. Só temos acesso à linguagem através dos cuidadores, que são a única forma de entrarmos nela. A linguagem já estava lá antes de nascermos, portanto ela nos coloniza e nos aliena. Podemos nos identificar como a filhinha querida do papai ou como o estorvo do casal, como ambos ou nenhum dos dois, mas precisamos assumir algum significante para chamar de nosso, ou melhor, de Eu. E precisamos, igualmente, marcar a separação entre nós, pois essa identificação com o outro deve ser parcial e promover espaço para a diferença radical entre nós.

Para quem sempre se imaginou fadado ao fracasso, como meu pai, a prole não soava muito promissora. Em sua vida, por alguma razão que jamais conhecerei, ele podia conquistar tudo, mas sob a condição de perder em seguida. As projeções sobre a descendência são inevitáveis

e mesmo desejáveis, se quisermos assumir o lugar de pais. Mas é na diferença entre o que projetamos nos filhos e o que eles nos devolvem que veremos nossa capacidade de amá-los pelo que são, para além das nossas expectativas narcísicas do que achamos que eles deveriam ser. A depender de onde a cegonha joga o rebento na fantasia dos responsáveis, teremos «soluções» muito diversas. «Nascer em berço de ouro» aqui tem uma conotação bem distinta da ideia de nascer em uma família socialmente privilegiada. O grande valor está em ter a sorte de ser cuidado por alguém que se deixe descartar no momento oportuno, que permita que os filhos se desloquem para além das expectativas de reparação ou da confirmação das fantasias transgeracionais.

Meu pai, na interpretação que fiz dele e da qual partiram minhas escolhas, era o cara que se sentia humilhado e humilhava os filhos, esses que o representavam perante o mundo. Ele adorava contar que do próprio pai só havia herdado uma colher... furada. Essa imagem insólita e inadvertidamente cômica nos perseguiu junto com a herança que supostamente nos caberia: era uma herança furada, sem a menor serventia que não a prova da impossibilidade da mínima satisfação. *We can't get no satisfaction, dad.*

Caçula de três homens, meu pai teria começado a mostrar aptidão para ganhar dinheiro logo cedo e ajudado o irmão do meio, o tio Assumpto, a se formar em economia, o que para uma família descendente de imigrantes pobres era um feito, e o é até hoje. A imagem de um diminuto anel de formatura escrupulosamente colocado no dedo

mindinho do meu tio me vem à mente sem que eu tenha certeza de tê-lo realmente visto. Ao contrário do irmão, com quem se mediou a vida toda, meu pai cursou contabilidade, que não exigia formação universitária — uma posição menos glamorosa e mais condizente com a origem familiar. Por que ele se ressentia com as conquistas do irmão é uma incógnita para mim. Pode ser que meu tio tivesse mais inclinação para os estudos, ou ainda, como meu pai gostava de insinuar e minha mãe corroborava, fosse o preferido dos três, sendo meu pai o filho enjeitado. É claro que a relação com o álcool, iniciada por volta dos quinze anos, quando trabalhava de madrugada na banca de peixe de parentes no Ceasa, não deve ter lhe dado grande prestígio na família. Tampouco saberei o que na dinâmica familiar pode ter contribuído para seu vício, que incluiu, durante um tempo, o jogo.

De qualquer forma, a diferença entre os dois seria motivo de infinitas queixas da parte de meu pai, que se sentia injustiçado, não perdendo a oportunidade de criticar esse irmão e sugerir que havia uma dívida moral entre ambos, a qual ele cobrava apontando defeitos ou aprontando nas empresas nas quais eram sócios. A maior queixa era de que meu tio era esnobe, desonesto e só pensava em dinheiro. Não acredito que meu pai tivesse inveja da riqueza em si, ele era bem desapegado do dinheiro, mas sim da permissão que meu tio se dava para ter coisas e usufruir delas. Com meu tio entendi que há pessoas que podem almejar, realizar e desfrutar, e que a vida não precisa ser uma melancolia sem fim. Ele se tornou o pai que

eu queria ter tido, uma espécie de farol que só reconheci como tal na vida adulta.

Ambos eram meio caubóis, com faro para os negócios e apreço por jogadas arriscadas, no limite da licitude, mas meu tio era aquele que não queimava dinheiro, ao contrário, acumulava, e tentava ajudar meu pai sempre que podia. Alheia a esses bastidores e incapaz de julgar o que se passava entre os dois, o que eu sabia era que meu tio, diferentemente do meu pai, não me metia medo algum. Eu me sentia segura e querida ao lado dele. Foram muitas as oportunidades de convívio que tivemos quando eu era pequena, porque ele e minha tia costumavam nos levar em viagens para a praia nas férias. Nesses momentos, eu experimentava um tipo de família na qual não havia sobressaltos e as mulheres pareciam menos oprimidas do que minha mãe. Momentos que me marcaram e mostraram para onde eu queria me dirigir.

Não que eu soubesse disso na época, levou um tempo de análise para que eu recuperasse a importância desses personagens em minha vida. Aliás, eu não podia saber nada sobre nada. Essa era a tônica: não perguntar, não criticar, não demonstrar contrariedade, não opinar. Meu pai reinava absoluto, enquanto minha mãe se dedicava à tarefa impossível de evitar que algo o perturbasse. Ele era uma bomba sempre prestes a explodir. Bastava um fio de cabelo sobre a mesa de jantar, uma resposta pouco audível para uma pergunta. Me lembro de ele chegar em casa, nos ver e tirar do nada algo como «Vocês são uns merdas». Tínhamos entre dezesseis e sete anos de idade e estávamos

sentados assistindo à TV, mas acho que ele estava se referindo à merda que era ter que estar ali, quando na verdade queria estar em outro lugar. Ou ainda à impossibilidade de estar em qualquer lugar sem se sentir dividido entre duas demandas impossíveis.

O velho Zaccharias, ou Jacaré, como chamávamos meu pai, gostava de deixar claro que não se pode confiar em ninguém, só na família, mas na família reduzida. Confiáveis mesmo éramos nós: meu pai, minha mãe, eu e meus irmãos. Tios, primos, cunhados de qualquer dos lados eram os de fora. Daí o sofá quentinho da cena familiar ser o suposto abrigo contra o pior. O velho era um tanto paranoico. Mas como não ser, quando se tem que esconder uma família da outra e ainda posar de respeitável? Ele corria o risco permanente de ser confrontado por levar uma vida dupla, por ser alcoólatra e por ser explosivo. Daí a necessidade de usar tudo e todos como bodes expiatórios.

Para manter a cena encoberta, a violência doméstica não podia ser nomeada. Toda violência vem de fora, o que se passa dentro é pelo bem dos filhos e da família. Sustentar essa retórica contra todas as evidências cobra um preço. Em alguns casos, o enlouquecimento.

---

## Análise

«A lembrança dos seis filhos é uma das mais preciosas memórias da minha vida, congelada numa cena em que estamos todos de banho tomado e de pijama, amontoados no sofá da sala, brincando de fazer sombras à luz de velas. [...] Tudo é perfeito nessa lembrança, tudo é contagioso e melancólico. As interpretações que fiz dela equivalem a décadas de choro e ranger de dentes sobre o divã.»

O que há na psicanálise? Uma hipótese de reconstruirmos a nossa própria história. Eis o fio que conduz Vera Iaconelli, escritora e psicanalista, num ensaio pessoal que entrelaça a narrativa familiar e o seu próprio processo psicanalítico.

Passando a ser escutada em vez de ela mesma escutar, numa inusitada troca de lugares, a autora reconstrói a sua história privada: o pai violento, a mãe submissa, a morte dos irmãos, os casamentos e divórcios, as filhas, o lugar do desejo e da escrita, a edificação de uma casa e do futuro. Para esta história — afinal mais coletiva do que íntima —, Vera Iaconelli convoca as lições que melhor estudou, as de Freud e Lacan, como que deliberadamente provando do próprio veneno para poder, no final, calibrar a narrativa possível de si mesma.

Atravessando a memória e sua reconstrução, as dúvidas que deixamos sem resposta, as inquietações que nos tornam no que somos, *Análise* escrutina os mecanismos do desejo, da culpa e da procura da felicidade, iluminando os grandes enigmas do humano.

não-ficção literária | 11



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[companhiadasletrasportugal](#)

ISBN: 978-989-589-641-7

9 789895 896417